



Connections

Obras da Coleção Albuquerque

Seis séculos de história, sessenta anos de colecionismo

A maioria das peças que integram a Coleção Albuquerque retrata histórias, crenças e mitos asiáticos e europeus, frequentemente entrelaçando elementos de culturas distintas. Uma delas, um pequeno porta-pincéis em porcelana esmaltada da dinastia Ming, datado da segunda metade do século XVI, alude ao mito popular chinês segundo o qual apenas algumas carpas conseguem nadar contra a corrente do Rio Amarelo, saltando os rápidos da Porta do Dragão, para se transformarem em dragões. Ao sugerir e ensinar que para conseguir grandes feitos, que enaltecem e transformam, são precisos esforço e coragem, a história é comparável a lendas de outras partes do mundo. *Connections*, a primeira exposição na Albuquerque Foundation de peças da coleção do seu fundador, procura evidenciar exatamente a maneira como a produção de cerâmica chinesa revela, na sua filigrana, uma malha luminescente de analogias e influências culturais, indissociáveis de processos económicos, sociais e políticos e que nos falam, em última instância, da experiência humana no seu sentido mais amplo.

Reunida por Renato de Albuquerque ao longo de várias décadas de estudo e procura apaixonada, a coleção foi crescendo e diversificando-se. O núcleo principal é extremamente coerente e completo no seu foco em porcelana chinesa de exportação das dinastias Ming e Qing, mas ela abrange também épocas anteriores e inclui peças produzidas em outras regiões do mundo.

Como evidenciado na exposição, ramificações e desvios são quase inevitáveis no âmbito da cerâmica de exportação, porque o que ela nos mostra, de certa forma, é justamente que as peças não se encerram em si mesmas, que é impossível entender a mensagem que elas carregam sem a disposição para seguir rio acima, em direção a outros contextos e outras culturas.

Fundar uma instituição cultural, vencendo todas as etapas que esse processo exige, desde a sua conceção até à abertura, é uma empreitada comparável a nadar contra a corrente do Rio Amarelo. Foram necessários vários anos de planeamento e trabalho intenso para que a antiga Quinta de São João, já residência da família, se tornasse a Albuquerque Foundation, uma instituição que assume a missão de ser dinâmica e conectada, abrigando a coleção para preservar as memórias e as histórias que ela carrega, e ao mesmo tempo colocá-la num diálogo vivo e instigador com a produção artística contemporânea. Além das exposições, as atividades de pesquisa e a convivência com o público irão moldar a ação da fundação ao longo dos próximos anos, e outras leituras da Coleção Albuquerque irão suceder-se a *Connections*, lançando luz sobre outras narrativas. A coleção, lastro que fornece estabilidade e coloca a ação institucional em perspetiva, será o ponto de partida de onde seguir, cuidadosa e apaixonadamente, os rastros e as pistas que as obras e os artistas, desde sempre, nos oferecem para entender o mundo.

Connections

Obras da Coleção Albuquerque

Becky MacGuire



Modelo de um Pagode

China – Dinastia Qing, final do séc. XVIII - início do séc. XIX
porcelana decorada em azul cobalto sob o vidrado

Durante séculos, os ceramistas mais desenvolvidos do mundo encontravam-se na China. Peças de cerâmica chinesa chegavam a todos os cantos da terra, disseminando uma linguagem de cor, motivos e formas que impactou as tradições de cerâmica a uma escala global.

Além de única do ponto de vista do seu requinte tecnológico e admirada pela sua sofisticação, a produção de cerâmica chinesa também refletia uma complexa teia de influências exteriores. Desde a dinastia Tang (618-906), técnicas de trabalho em vidro e metal, além de religiões como o Budismo e o Islão, chegaram à China da Ásia Central e Ocidental em redes de troca globais, impactando profundamente a produção local. No século XVI, quando os europeus começaram a chegar pelo mar, a sua cultura também começou a exercer influência.

As obras de arte da Coleção Albuquerque – em porcelana, cerâmica, esmalte sobre cobre, madeira esculpida, óleo sobre tela e pintura sobre espelho - refletem esta fascinante imbricação cultural. Produzidas na China, Japão e Índia, eram destinadas a variados mercados, desde a Ásia Oriental até ao Sudeste Asiático, o Médio Oriente e a Europa. Muitas destas peças revelam uma complexa teia de influências que relata histórias de encontros globais.

Outras obras mostram como os artesãos chineses utilizavam a sua perícia para criar peças inteiramente ao gosto do 'outro'. A porcelana de exportação produzida em Jingdezhen é fiel às suas origens nos materiais, técnicas e decoração, mas expressa também o gosto e as preferências de comitentes e consumidores globais.

Paralelamente a estes múltiplos eixos de gosto e influência, as peças mostram-nos também os valores comuns, profundamente humanos, que as embasam. A religião e a vida espiritual, a celebração do poder político ou nobiliário, o fascínio com a natureza e a glorificação do comércio que era o motor económico da época: estes interesses e estas preocupações partilhadas constituem pontes que aproximam o Oriente e o Ocidente para além das suas profundas diferenças.

São estas ligações culturais e humanas que exploramos na exposição inaugural da Coleção Albuquerque através de três secções temáticas.



O Reino Espiritual

No início da época moderna, a fé era central para a vida, tanto no Oriente como no Ocidente.

O Budismo chegou à China durante a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), viajando com comerciantes e monges desde a sua origem, na Índia, para se juntar às filosofias oriundas da China, o Taoismo e o Confucionismo. O Budismo tornou-se central para a China, numa versão peculiar, intrinsecamente interligada com as atitudes e crenças do Taoismo e do Confucionismo.

O Islão também foi levado para a China pelos comerciantes. Na dinastia Tang (618-906), os comerciantes árabes e persas estabeleceram-se ao longo da costa sul, onde erigiram as primeiras mesquitas chinesas. Sob o governo dos Mongóis da dinastia Yuan (1279-1368), os muçulmanos foram particularmente favorecidos pela Corte e o imperador fundador da dinastia Ming (Hongwu, 1368-98), foi-lhes igualmente acolhedor.

Apenas alguns cristãos viajaram para a China na época medieval, mas foi a chegada das embarcações portuguesas no século XVI que anunciou a sua afluência. Os missionários cristãos construíram igrejas e mosteiros em todos os territórios asiáticos onde os europeus se estabeleceram e muitos encomendaram obras de arte. Apesar de bem-sucedidos no Japão antes da sua expulsão pelo Shōgun Tokugawa no início do século XVII, os cristãos nunca fizeram incursões significantes na sociedade chinesa, com a exceção dos Jesuítas que tiveram um papel influente na Corte imperial em Pequim.

Todas estas tradições religiosas estão refletidas nas obras de arte chinesas.



Figura de uma Divindade

China – Dinastia Ming (1368-1644), segunda metade do século XVI
porcelana decorada em azul cobalto sob o vidrado

Vaso

China – Dinastia Qing, período de Qianlong, c 1740
porcelana decorada com esmaltes da família rosa



Encontros

Muito antes da época moderna, uma teia de redes comerciais ligava os povos distantes do Oriente e do Ocidente. A par dos comerciantes, missionários e bens que viajavam nestas redes, também corriam ideias, obras de arte e influências culturais. A seda chinesa, tanto em bruto como bordada, e as especiarias nativas do Sudeste Asiático, eram os produtos mais desejados no comércio primordial. A seda tinha sido produzida na China desde tempos remotos, e permaneceu o maior produto exportado pela China durante a dinastia Ming (1368-1644).

Os avanços na construção de embarcações e o desenvolvimento da navegação no século XV potenciaram uma Rota Marítima da Seda e fomentaram o comércio global. Muito do comércio era inter-asiático, incluindo a Índia; a prata, maioritariamente extraída no Novo Mundo espanhol, mas proveniente também do Japão, tornou-se a moeda de troca. A porcelana e a laca, juntamente com produtos correntes, eram carregadas nas embarcações europeias.

Os mercadores portugueses foram os primeiros a trazer para a Europa o costume chinês de beber chá. A partir do século XVIII, este estava rapidamente a tornar-se o produto comercial chinês dominante, trazido para a Europa em grandes quantidades pelas companhias comerciais holandesas e inglesas.

Todo este empreendimento comercial gerou encontros com o desconhecido, colocando frente-a-frente pessoas e culturas distantes.

Figura de um Sogdiano
China – Dinastia Tang, c 625-75
barro vidrado

Retrato de um Comerciante Inglês
China – Dinastia Qing, período de Qianlong, c 1775-80
pintura em reverso sobre espelho

Vida no Oriente e Ocidente

Os mais abastados e bem posicionados na Ásia, na Europa e no mundo Islâmico contemplavam a cerâmica chinesa para embelezar os seus interiores e elevar as práticas sociais do seu dia-a-dia. A porcelana chinesa subiu aos altares e palácios na Índia e no Médio Oriente, era exposta em nichos construídos propositadamente, em salas especiais denominadas de *chinikhane*, enquanto na Europa, os *porzellankabinette* tornaram-se obrigatórios. Seguindo as formas da prata, a porcelana chinesa enfeitava as mesas de refeição das elites europeias enquanto nas comunidades islâmicas, grandes pratos de porcelana serviam comida, e os gomis e bacias ajudavam nas abluções.

Algumas destes porcelanas representavam figuras elegantes do Oriente e do Ocidente, que incluíam desde arquétipos do 'outro' exótico a retratos em porcelana. Outras peças eram encomendadas com símbolos pessoais ou brasões de armas, ligando os compradores diretamente ao material prestigioso.

Algumas peças de porcelana chinesa simplesmente refletiam os múltiplos aspetos da vida quotidiana, revelando a conformidade da experiência humana. A caça, a dança, a música, pássaros e bestas favorecidas: representações da vida na Ásia e na Europa figuram nas obras de arte chinesas.



Terrina

China – Dinastia Qing, período de Kangxi, c 1720
porcelana decorada com esmaltes *verte-Imari* e ouro

Jarro

China – Dinastia Ming, período de Wanli (1573-1620)
porcelana decorada em azul cobalto sob o vidrado e esmaltes coloridos

Albuquerque Foundation

Fundador

Renato de Albuquerque

Cofundadora e Presidente do Conselho de Administração

Mariana A. Teixeira de Carvalho

Presidente da Comissão Executiva

Miguel Ribeiro Telles

Direção

Jacopo Crivelli Visconti

Exposições e Residências

Pedro Coelho

Relações Institucionais

Mónica Novaes Esmanhotto

Produção

Heloísa Vivanco

Administração

Alexandra Inocêncio

Loja

Ana Carolina Fialho

Connections

Curadoria

Becky MacGuire

Coordenação

Pedro Coelho

Assistência de Curadoria

Matilde Relvas

Design Expositivo

Cosebelle [Rebecca Billi + Allegra Zanirato]

Design Gráfico

Ana Luísa Bouza [bouzadesign]

Conservação

Maria Lino

Mariana Rocha e Melo

Matilde Relvas

Produção

FP Solutions

Revisão de textos

Miguel Côrte-Real

Connections

Obras da Coleção Albuquerque
(a partir de 22 de fevereiro 2025)

Horários

Terça-feira a domingo, das 10h às 18h

Última entrada, 30 minutos antes do encerramento.

Às segundas-feiras a fundação encontra-se encerrada.

Bilhetes

Adultos: 10€

Estudantes e pessoas dos 13 aos 18 anos: 8€

Maiores de 65 anos: 8€

Entrada gratuita

Crianças até aos 12 anos

Residentes em Sintra aos domingos até 13h

Para agendamento de visitas guiadas, escolares ou para públicos especiais,
contacte-nos através do e-mail info@albuquerquefoundation.pt.

Albuquerque Foundation

Rua António dos Reis, 189

2710-302 Sintra – Lisboa, Portugal

www.albuquerquefoundation.pt